

28 DE AGOSTO

SANTO AGOSTINHO, BISPO E DOUTOR DA IGREJA



Aurélio Agostinho nasceu em Tagaste, na Argélia, a 13 de Novembro do ano 354.

Seu pai, Patrício, trabalhava na Prefeitura municipal da cidade e toda a sua vida viveu como pagão até receber o baptismo na hora da morte, em 370. Agostinho herdou dele um temperamento materialista, irascível, mas também um temperamento carinhoso e atento às necessidades. Sua mãe, Mónica, era uma mulher cristã fervorosa, inteligente e prática, de bom juízo e com uma fé inquebrantável. Estes aspectos foram decisivos no carácter e na personalidade de Agostinho, que era feito de ternura e vigor.

Ainda criança, foi levado à Igreja onde recebeu o sinal da cruz e o sal para, mais tarde, receber o Sacramento do Baptismo. No entanto, Agostinho abandonou a iniciação cristã. Depois dos seus estudos primários e secundários, partiu aos 17 anos para Cartago, talvez a mais importante cidade do Norte de Africa, para ali iniciar estudos superiores em retórica. Chegado a esta cidade não perdeu tempo, arranjou uma concubina da qual teve um filho a quem pôs o nome de Adeodato. Este filho não havia de viver muito tempo, uma vez que faleceu muito novo, com 17 anos.

No seu desejo e na sua busca interior pela sabedoria, conheceu os maniqueístas - grupo de origem pagã que combinava elementos iranianos, budistas e cristãos que se caracterizava por uma metafísica dualista e que, entre outras coisas, se revelava pessimista em relação a tudo o que fosse material (ex. do matrimónio). Porém, parece que pouco tempo esteve com eles, uma vez que não lhe souberam dar as respostas que esperava face aos problemas relacionados com a fé cristã e a ciência.

Em 383 deixou Cartago e foi para Roma onde fundou uma escola que, bem depressa, fechou por falta de recursos financeiros por parte dos alunos. Mudou-se, então, para Milão no Outono de 384

e concorreu a orador público. Foi nessa altura que conheceu Sto. Ambrósio, Bispo desta cidade, pessoa culta que o cativou pela sua palavra e o levou a descobrir e apreciar o Antigo Testamento, a reconhecer as contradições que há na oposição ontológica dos princípios do bem e do mal e a descobrir como a sua liberdade está contagiada pelo pecado.

Depois de ter começado a escutar com muito interesse a pregação de Sto. Ambrósio e andando Agostinho a debater-se com o problema da sua conversão, sucedeu que um dia, estando com um grupo de amigos, foi visitado por um natural do Norte de África de seu nome Ponticiano que lhe falou da vida de Sto. Antão do Deserto e da vida monástica da Igreja de Milão, onde existia uma comunidade fundada por Sto. Ambrósio nos arrabaldes da cidade episcopal.

Esta conversa constituiu o ponto de mudança na vida de Agostinho. Depois de Ponticiano ter saído, ele foi para o jardim da sua residência onde escutou uma canção interpretada por uma voz de criança que dizia: "*Tolle, lege! Tolle, lege!*" (Toma, lê!) Num impulso interior, Agostinho entrou em casa, abriu a Epistola aos Romanos e leu o capítulo 13, versículo 13. Atingido em cheio pela graça de Deus, Agostinho rendeu-se e decidiu ser cristão. Depois de haver sido instruído na fé por Sto. Ambrósio, foi baptizado por ele na Vigília Pascal, a 4 de Abril de 387.

Todo este percurso de vida é contado num livro que Agostinho escreveu chamado *Confissões*. Esta obra é considerada um dos maiores escritos depois da Bíblia, tendo sido publicada vezes sem conta ao longo de muitos séculos. É precisamente das *Confissões* que extraímos o pequeno texto que se segue.

“Eu procurava o caminho onde pudesse adquirir a força necessária para saborear a vossa presença; mas não o encontraria enquanto não me abraçasse ao *Mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo homem que está acima de todas as coisas, Deus bendito pelos séculos dos séculos*, que me chamava e dizia: «*Eu sou o caminho a verdade e a vida*»...

Tarde Vos amei, ó beleza tão antiga e tão nova, tarde Vos amei! Vós estáveis dentro de mim, mas eu estava fora, e fora de mim Vos procurava; com o meu espírito deformado, precipitava-me sobre as coisas formosas que criastes. Estáveis comigo e eu não estava convosco. Retinha-me longe de Vós aquilo que não existiria se não existisse em Vós. Chamastes, clamastes, rompestes a minha surdez. Brillastes, resplandecestes e dissipastes a minha cegueira. Exalastes sobre mim o Vosso perfume: aspirei-o profundamente e agora suspiro por Vós. Saboreei-vos, e agora tenho fome e sede de Vós. Tocastes-me, e agora desejo ardentemente a Vossa paz”